HENRI BERGÈS,

Irmão Marista

Tenho que agradecer ao Pai, como a Virgem Maria, pelo dom inestimável de minha caminhada espiritual que tanto deve a esse compartilhar a minha vida «na casa do Islã» *(Ir. Henri)*

Roma, 20-5-1994

Frère Henri Vergès

Repères biographiques

Il est né le 15 juillet 1930, en France, à Matemale, village des Pyrénées orientales. Entré au juvénat en 1942, il fait son noviciat à Saint-Paul-Trois-Châteaux en 1945-1946. Après un an de scolasticat à N.D. de l'Hermitage, il obtient son Brevet Elémentaire. Poursuivant courageusement ses études, il obtiendra une licence de philosophie, se familiarisera avec la langue espagnole, puis avec l'arabe algérien.

Son apostolat, jusqu'en 1969, s'exerce dans le Midi de la France: Aveyron, Ardèche, Gironde, Drôme et Corrèze - de 1958 à 1966, il est sous-maître des novices à N.D. de Lacabane. Il a été l'un des capitulants du XVIème Chapitre général, en 1967-1968. A partir de 1969 il est en Algérie, successivement professeur puis directeur au collège mariste St Bonaventure, professeur de mathématiques puis de français dans un lycée d'état, animateur à la bibliothèque Ben Cheneb - Alger. Le dimanche 8 mai 1994, quelques extrémistes font irruption dans la bibliothèque; ils assassinent immédiatement le Frère Henri ainsi que la Soeur Paule-Hélène Saint-Raymond, Religieuse Assomptioniste. Le G.I.A. (Groupe Islamiste Armé) a revendiqué l'assassinat.

(= Christ est ressuscité)

Nota do Arcebispo de Argel

«Dois religiosos: Henri Vergès (Ir. Marista), e Irmã Paule-Helène Saint-Raymond (Irmãzinha da Assunção), foram vítimas, dia 8 de maio, de um crime absurdo, cujo significado nos escapa.

Ambos trabalhavam a serviço dos alunos dos bairros populares de Casbah e Bab el Oued, em Argel. Apesar das graves tensões no país e dos numerosos atentados na cidade de Argel nesse último ano, os religiosos tinham decidido permanecer a serviço dos jovens e de suas famílias, que neles confiavam.

Nós e numerosos amigos argelianos fomos todos profundamente atingidos por esse duplo atentado.
Unimo-nos ao sofrimento de suas famílias, como àquele de todas as vítimas da violência ocorrida desde o início da crise argelina. Não queremos que esse crime seja utilizado para levantar suspeitas a respeito da vocação desses dois religiosos, que é a de toda a Igreja da Argélia.

Acreditamos, como nunca, que é indispensável multiplicar, agora, os lugares onde cristãos e muçulmanos colaborem e aprendam a conhecer-se e a estimar-se. É também nossa contribuição ao Evangelho da Paz.

Henri TEISSIER, arcebispo de Argel.

Extratos das mensagens de solidariedade

«Uma vida digna nas «fronteiras» e nos «postos avançados» honra a Vida Religiosa, e todos os Maristas podem sentir-se ufanos de pertencer a sua família.Que o sangue derramado germine a PAZ. E que a vida e a morte de Henri Vergès nos recorde que o sangue de Cristo não é questão de discursos, mas dom de si.» *(Provincial dos Padres Maristas da França)*

«No relato de seu trabalho na Biblioteca eu tinha percebido uma verdadeira Paixão: Paixão pelo encontro, Paixão pelo serviço aos jovens, Paixão que o ligava fortemente a esse Povo! Levou essa Paixão ao limite extremo. Seu nome e o da Irmã Paule-Helène estão definitivamente unidos ao de Jesus morto e ressuscitado.» *(Responsável pela Pastoral dos Migrantes)*

«Henri e Paule-Helène eram justos. Com eles o serviço aos outros, realizado com inteligência, discreção, gratuidade e escrupuloso respeito, deixava de ser um mito para transformar-se em realidade.» *(Responsável pela Cáritas Internacional)*

«Os relatos feitos testemunham quanto o Ir. Henri estava afeiçoado à Argélia e como vivia a «inculturação» de que tanto se fala.» *(Superiora Geral das Irmãs de São José de Annecy)*

«Sabia dar sentido evangélico ao testemunho de sua vida.» *(Bispo de Perpignan)*

«O Presidente da Câmara de Comércio e da Indústria de Oran, como o Conselho de Administração e as indústrias de 'Villayas de l'Ouest', consternados pelo assassinato do Ir. Henri Vergès e da Irmã Paule-Helène Saint-Raymond, apresentam suas sinceras condolências, assim como à comunidade cristã de Argel, e lhes pedem que acreditem em nossa vergonha diante desse horrível assassinato. Nossa simpatia para com a comunidade cristã da Argélia, e os cristãos em geral, é mais forte que nunca. Rezamos com vocês pela concórdia e o amor uns pelos outros, e rogamos, Excelência, creia em nossa amizade e fraternidade. De seus semelhantes, os muçulmanos de Oran.»

DERNIER MESSAGE DU F. HENRI:

A Vida Religiosa no meio muçulmano

O Ir. Henri Vergès na casa do Islã

Emili Turú

(Conversa mantida em l'Hermitage [França], por ocasião do Bicentenário do nascimento de Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas [1789-1989])

Uma conversão, dom do Espírito

Como pude caminhar durante tanto tempo, desde o início de minha vida religiosa, sonhando com outra coisa — as «missões» na América Latina, em Madagascar, em... e nunca na Argélia — privando-me de viver o momento presente naquele lugar em que Deus me queria e do qual eu fugia a toda a pressa? Um pretexto, talvez, para livrar-me de situações que, para mim, vinham a ser tanto mais mortificantes quanto eu não era capaz de discernir o dom de Deus...

Um dia, porém, vi tudo tão simples e claro. Disse-me: «Se escolhi o caminho da obediência, foi para entregar-me incondicionalmente a Deus e não para buscar minha realização, de maneira disfarçada, em atividades não desejadas por Deus». Com isso, abri os olhos: devia deixar a Deus, portanto, a total iniciativa; quanto a mim, cabia-me discernir serenamente sua vontade em todas as circunstâncias e a ela entregar-me com todas as capacidades que Deus me deu para viver

em sua plenitude cada instante, aqui e agora. Depois disso, senti que a paz invadia todo o meu ser e me tornava totalmente disponível. Dom do espírito. Ação de graças.

Minha chamada para a Argélia

Passam-se alguns meses e sou convidado a integrar-me à nossa comunidade de Argel para dirigir uma escola diocesana. Brincadeira da Providência que sabe preparar o terreno e esperar o suficiente grau de amadurecimento. Agora, tinha que seguir nas pegadas da Virgem da Anunciação.

Por conseguinte, pôr em ação todas as minhas forças e capacidades para assegurar o êxito da responsabilidade que me fora confiada. Solicitei, e me foram concedidos dois anos antes de assumir a responsabilidade efetiva da direção da escola: tinha de adquirir, por ter visto, suficiente conhecimento do terreno e da língua e cultura árabe-mussulmana. Parecia-me que esse modo de agir estava em consonância com a resposta afirmativa que dera, se bem que não pretendesse com isso impor o meu critério.

Recordando alguns fatos bem simples

Alguns fatos, algumas situações vividas poderiam evocar um caminho espiritual... Vividos até que ponto?... Só Deus o sabe.

A chegada

Desembarco no porto de Argel no dia 6 de agosto... Transfiguração do Senhor. Controles da polícia, da alfândega... longas filas intermináveis... duas horas numa atmosfera sufocante... Há ainda o controle monetário, das divisas: por não ter nada que declarar, enfio pelo corredor, seguindo a comprida fila que se dirige para o departamento do controle das divisas. Um dos argelinos, pensando que eu pretendia avançar alguns lugares e furar a fila, grita indignado: «Mais um que pensa que pode tudo! Julga-se ainda o colonizador!»

Não insisto e me integro na fila de espera, ao lado do dito senhor. Manifesto-lhe minha completa aprovação pelo seu anseio de fazer respeitar sua própria dignidade e a dos seus... acrescentando, entretanto, que também ele procurasse compreender o meu procedimento, posto que, não tendo eu nada que fazer naquela fila, parecia normal que me adiantasse... Como já não podia voltar, minha nova situação permitiu-me meditar, durante uma hora, sobre nossa atitude interior em relação a nossos irmãos. Preconceitos recíprocos que devemos superar com o diálogo e o conhecimento mútuo. Deferência cheia de compreensão sem renunciar a si mesmo. Em contraposição, no início da minha estada em Argel, sentia-me algo confuso ao notar, nos que me abordavam, um certo complexo de inferioridade. Tudo isso, porém, desapareceu ao cabo de alguns anos. Será porque eu me tornara mais simples, mais fraternal, ou porque meus irmãos argelinos haviam aprendido a afirmar sua personalidade?

A escola

Uma escola diocesana animada por nossa comunidade. Uma situação típica na Argélia de então: clientela quase exclusivamente argelina e muçulmana, cuja responsabilidade incumbia à Igreja. Existia, porém, um compromisso comum excepcional. Uma equipe de educadores perfeitamente unida: argelinos/as na sua maioria mussulmanos/as, cristãos mais ou menos comprometidos como cooperadores, religiosos... todos trabalhando em uníssono com a associação de pais de alunos e participando inteligente e eficazmente na ação educadora da escola. Experiência riquíssima de partilha entre iguais. Alto grau de intercâmbios mútuos, como jamais experimentei em ambiente cristão. Sobretudo, a vontade, em todos, de mesclar as diversas classes que compõem a sociedade e participar cada qual, livremente, inclusive com sua contribuição pecuniária de acordo com suas possibilidades. Valores esses que, possivelmente, a Umma (= comunidade muçulmana) trazia para dentro e que encontravam, na confiança recíproca vivida por todos, um terreno propício para manifestar-se.

Gozo interior de viver num ambiente que me parecia evangélico. O Senhor suscitava tais maravilhas em um meio que não partilhava de nossa fé. No entanto, isso não era, para mim, inteiramente gratuito: antes, parecia-me fruto da irradiação de minha comunidade, da Igreja que, finalmente — e era uma convicção mais ou menos clara que levava dentro de mim — com o tempo, assimilaria tudo. Não me preocupava tanto saber o que cada um vivia como muçulmano, quanto discernir nele o que era especificamente cristão.

A expropriação

Em 1976, ocorreu a nacionalização das escolas diocesanas: decisão normal num país que quer ser independente e dono do seu destino. Doeu-me, por uma parte, perder a liberdade e a iniciativa pessoal, absorvidas por um sistema e uma ideologia açambarcadores.

Porém, também senti satisfação ao transferir o posto a uma equipe de pais e educadores que saberiam conservar, durante anos, algo do espírito que, juntos, havíamos progressivamente vivido e tornado realidade.

Assim, pois, o ano escolar pôde terminar ainda de maneira feliz, agradecendo ao Senhor a co-participação vivida durante anos e pondo à sua disposição, para o futuro, a vida e os encontros que nos teria preparado. Anos antes, receava que, se as autoridades argelinas tomassem tal decisão, automaticamente suporia, pura e simplesmente, a retirada de nossa comunidade. Porém, não sucedeu assim: nossos Superiores, respondendo ao desejo da Igreja naArgélia, permitiram que dois de nós pedíssemos um contrato de trabalho ao Ministério Argelino de Educação.

Obtivemo-lo, e fomos enviados fora da capital, a um pequeno povoado dos «Altiplanos». Ali, já não éramos nós os que decidíamos, os que tomávamos as iniciativas: éramos só modestos participantes numa empresa dirigida por outros e com um contrato anual que se tornava cada vez mais difícil renovar à medida que se passavam os anos. Ademais, o ambiente era tipicamente muçulmano e socialista.

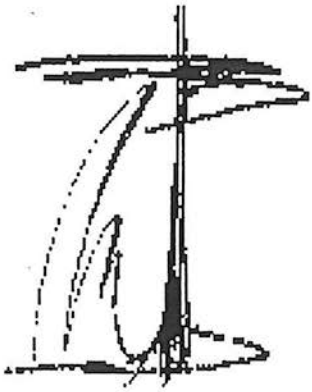
Nossa situação era de pobreza e tínhamos de conviver em pé de igualdade com uma população de trato bastante rude, demasiado mergulhada em sua cultura e tradições. Era ela a que nos acolhia, a ela tínhamos que descobrir e nos adaptar vivendo como viviam seus habitantes, procurando ao mesmo tempo aprofundar-nos na nossa essência de cristãos.

No princípio, existia entre nós, como é normal, uma prudente distância, como a que costuma existir entre professor e alunos, ainda quando se procura estabelecer aproximação. Com o tempo, porém, vem a adaptação e nasce a confiança mútua... As mulheres já não fechavam automaticamente as portas quando subíamos as escadarias do nosso edifício: as crianças até nos abraçavam quando passávamos diante delas. Alguns crentes de boa-fé conjecturavam a nosso respeito algo do mistério de que somos portadores e

mesmo pretendiam ingenuamente comunicar-nos sua fé muçulmana: é tudo mais seguro ante o Deus todo-poderoso! Nasceram amizades profundas que se desenvolveram sobretudo durante os cinco anos em que estive só, à espera da chegada do Irmão que devia substituir ao que me havia deixado após dois anos de convivência. A colaboração mútua com as pessoas se intensificava e nos fazia pressentir, no respeito mútuo e na admiração, o Mistério de Deus, presente na diversidade de nossas religiões. Seu Espírito estava ali... e era Ele quem, quando se apresentava a ocasião, fazia vibrar em uníssono os nossos corações. Em meu contato com o Islã popular, compreendi melhor o sentido profundo da oração, do absoluto de Deus e também do acolhimento ao irmão...

Em 1980, se me apresentou a graça de participar no «Ribat», inaugurado no ano anterior, «nascido da iniciativa de alguns cristãos e cristãs, desejosos de uma aproximação mais espiritual da tradição muçulmana, e de crentes do Islã, não só em seus encontros bianuais, mas também nas tarefas do dia-a-dia». Os membros de uma confraria muçulmana nos manifestavam o desejo de unir-se a nós e, de fato, acorrem sempre à nossa reunião semestral que temos geralmente nas quintas-feiras à tarde. São momentos de intensa comunhão, nos quais cada qual pode partilhar na reflexão e na oração o que se esforça por viver cada dia no profundo do seu ser, sobre o tema que nos acompanhou durante todo o semestre. O próximo tema será: «Faça-se a tua vontade»; o anterior tinha sido: «Conduze-nos na verdade».

É uma experiência privilegiada que mostra o que poderia ser a comunhão de uns crentes que intentam viver, no profundo do seu ser, movidos pelo Espírito. Segundo a bela imagem empregada por um desses irmãos do Islã: «No deserto, quando se juntam diversos grupos, mortos de sede, num lugar onde há água, ninguém se preocupa em indagar quem são os outros: juntos aplacam a sede na fonte de água viva...». Assim fazem também as almas sedentas de Deus.



Tudo isso me permite chegar ao coração de meu ideal marista por uma via totalmente mariana, feita de humilde acompanhamento de Cristo Jesus que age no meio do mundo, e isso ainda que não o entenda... — silêncio atento diante do mistério de Deus no homem e que às vezes

manifesta-se inesperadamente, cheio de admiração, como aconteceu com a Virgem da Visitação. Então, a pessoa se sente como que impelida a seguir adiante nos compromissos assumidos e a prosseguir na consagração pessoal e também na comunitária.

Perspectivas interiores nas quais me reencontro mais plenamente como cristão e como Irmão Marista. A etapa em que me encontro atualmente poderia designar-se como «tolerante» se não fosse a conotação negativa da palavra. Tolerar quer dizer «suportar» que o outro seja diferente, que não seja conforme o tipo que eu considero como o melhor... acolhê-lo apesar dos preconceitos que possa ter... A atitude positiva não seria, talvez, a de esforçar-se por descobrir no irmão o dom de Deus, isto é, o que só ele leva no interior e que é insubstituível, colocado nele por Deus... com a mesma atitude contemplativa da Virgem, que «guardava todas essas coisas e as meditava no seu coração»?

Nova etapa

Pude renovar meu contrato anual doze vezes; depois, me foi negado pelo desejo de argelização do Ministério da Educação. No ano anterior, já o haviam negado ao Irmão que tinha vindo juntar-se a mim cinco anos antes.

Depois disso, nos encontrávamos novamente — com as riquezas e limitações do nosso carisma — à disposição do Senhor, que não tem montanha ou Templo especial para que O adorem... Então, sem ruído, pusemo-nos ao serviço dos jovens, sendo responsáveis de uma casa diocesana de beneficência: secretariado social e biblioteca para os alunos de Liceu dos bairros populares da capital: Bab-El-Oued e a Casbah, e mais uma participação na casa-residência dos estudantes cristãos africanos, dispersos pelos Institutos e Universidades da região. Continuamos, pois, como anteriormente, ao serviço da juventude, como o desejava o Padre Marcelino, nosso Fundador, quando dizia: «Todas as dioceses do mundo entram nos nossos planos...» Essa realidade permanece, de acordo com as necessidades do tempo em que nos toca viver.

Porém, essa nova situação não é mais segura que as anteriores... estamos dispostos a mudar de campo de trabalho, se for necessário, porque estamos

decididos a fazer frente às vicissitudes sociais, políticas e religiosas de nosso país.

Conclusão

Tenho que agradecer ao Pai, como a Virgem Maria, pelo dom inestimável de minha caminhada espiritual que tanto deve a esse compartilhar a minha vida «na casa do Islã»:

— num ambiente que interpela continuamente, ainda que às vezes intempestivamente, para a oração, a entrega de si mesmo (=islã) nas mãos de Deus (para nós, o Pai);
— na pobreza, particularmente nesse desprendimento prático a respeito das «estruturas» e das diversas seguranças, que nos torna mais disponíveis ao sopro do Espírito;
— na castidade consagrada, incompreensível para a maioria de nossos irmãos muçulmanos, porém que lhes faz entrever nela um mistério, para nós exigente e para eles interpelante;
— na obediência: «Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou»... Humilde presença, querida certamente por Deus, e que é tão importante para o cristianismo como para o Islã. Atitude que conduz continuamente até o mais profundo do ser para situar-se na verdade com relação a Deus e a seus irmãos, os homens;
— numa comunidade fraterna e acolhedora, comunhão que se enriquece com os valores de acolhimento e partilha vividos no Islã.
Tudo isso vivido dia a dia, na humildade do cotidiano, como a Virgem Maria, avançando na fé como Abraão, pai dos crentes, ignorando aonde o levava Deus, porém caminhando com fé e confiança.

Participar que concretizei mais oficialmente, com o consentimento de meus irmãos, através do meu pedido de nacionalidade argelina, faz seis anos: com isso pretendo ser menos estrangeiro numa maior comunidade de destino.

Em resumo, meu compromisso marista me tem permitido, não obstante minhas limitações, inserir-me, sem desafinar, num meio muçulmano, e minha vida, nesse meio, me tem realizado mais profundamente como cristão e marista.

Última mensagem do Ir. Henri

(Reflexões dirigidas ao abade da Trapa de Tibhirine, na qual aconteciam os encontros do Ribat: grupo islâmico-cristão de oração, reflexão e partilha)

«— Em nossos encontros diários, assumamos abertamente a defesa do amor, do perdão, da comunhão contra o ódio, a vingança, a violência.
— No espírito do Ribat, preocupemo-nos em promover grupos — modestos que sejam — de oração e de partilha entre homens de boa vontade.

— Sintamo-nos próximos daqueles que, vindo do Islã, querem partilhar nosso compromisso batismal. Que a iniciativa deles e a nossa nos interpelem mutuamente.

Essas três idéias, que podem ser melhor elaboradas e expressas, creio que deveriam acompanhar-nos na realidade presente.» *Ir. Henri Vergès, 4 de fevereiro de 1994.*

AVE MARIA

أَسَّلَامُ عَلَيْكِ يَا مَرْيَمُ

يَا مُمْتَلِئَةً نِعْمَةً

الرَّبُّ مَعَكِ

مُبَارَكَةٌ أَنْتِ فِي النِّسَاءِ

وَ مُبَارَكَةٌ ثَمَرَةُ بَطْنِكِ

يَسُوعُ

يَا مَرْيَمُ الْقِدِّيسَةُ

يَا وَلِدَةَ الْإِلٰهِ

صَلِّي لِأَجْلِنَا نَحْنُ الْخَطَأَةَ

الْآنَ وَفِي سَاعَةِ مَوْتِنَا

آمين

Monastère des Clarisses. Alger.